

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DA ASSIGNATURA

Publica-se aos Domingos

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

EM AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.
 FORA D'AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$125 rs.; semestre (25 n.º) 570 rs.

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO

JESUITAS! JESUITAS!

O governo de sua magestade ainda não se dignou dar providencia alguma, relativamente ao facto gravissimo, attentatorio das leis e da liberdade, de ter o arcebispo de Góá, D. ANTONIO VALIENTE Y MEDERO, mandado supprimir o periodico—*a Cruz*.

Foi o governo quem o despachou; é o governo quem o conserva. Nada mais coerente!

Mas o que é realmente para asombrar é que haja um ministro tão cynico, tão baixo de sentimentos, que leve a sua imprudencia, ao ponto de despachar um reaccionario convicto, com a aggravante de ser hespanhol, para aquelle alto cargo ecclesiastico. E, não contente em o ter nomeado para arcebispo, ainda para mais nomeou para seu coadjutor o padre Medeiros, o mais fino e ladino jesuita, que em terras do Oriente se pode encontrar.

Com que direito, firmado em que lei prohibiu o hespanhol D. ANTONIO VALIENTE Y MEDERO, arcebispo de Góá, a publicação do jornal *a Cruz*?

Com que dignidade assistem el-rei e o seu bando a este verdadeiro ataque á constituição, ás leis e ao decóro do paiz?

Acaso esqueceu o sr. Fontes, na sua qualidade de valido omnipotente, que os jesuitas são os inimigos declarados da patria e da liberdade?

Não, não o esqueceu o sr. Fontes nem tão pouco o esqueceu o ministro, que referendou tão estupendo decreto.

Mas o facto é que elles conhecem-se uns aos outros. Rei, ministros são tão jesuitas como o arcebispo D. VALIENTE Y MEDERO, porque o consentem, embora com despreso manifesto da legalidade e da constituição. Rei e ministros conspiram portanto, igualmente contra a patria, contra a liberdade e contra o progresso.

Cautella com os traidores! Elles roubam-nos o trabalho, por meio de impostos vexatorios e iniquos; perseguem-nos por violencias policiaes de toda a casta e pelo arbitrio e prepotencia de juizes indignos; esmagam-nos pela falta de instrucção e reduzem-nos á miseria por uma espoliação industrial de todos os dias. Que mais quer o bando? que mais pretende a quadilha?

Tambem querem a liberdade; tambem pretendem a patria, que tantos esforços e sangue e sacrificios custou aos nossos antepassados. E por isso el-

FOLHETIM

JESUITAS E REIS

De S. Paulo vemos que «em Christo habita toda a plenitude da Divindade corporalmente; e de S. João que a gloria do Verbo Incarnado é gloria do unigenito filho do Eterno Padre, cheio de graça de verdade; e de S. Agostinho que não devemos ouvir aquelles que dizem que o Verbo Divino sómente unio a si o corpo e não a alma e que não tem espirito nem alma. Mas creamos que unio a si toda a humanidade».

D'onde resulta a impossibilidade da ignorancia, do erro e do peccado; assim como o absurdo, a indignidade

les tratam simplesmente de nos VENDER: quando não o podem fazer ao estrangeiro, fazem-n'o então á curia romana.

Os tratados da India e de Lourenço Marques são ainda hoje provas bem claras do que asseveramos. O acto illegal, despotico, reaccionario, prepotente e arbitrario do arcebispo de Góá, supprimindo o periodico—*a Cruz*—veio certificar-nos do que deixamos dito.

Na conferencia de Constantinopla, onde figuraram nações, que nada tem de coloniaes, como a Austria, a Italia e a Allemanha, Portugal, o paiz que mais colonias possui não só no Atlantico, como n'outros mares, cujas communicações mais rapidas se fazem, pelo isthmo de Suez, foi, como sempre, esquecido. Já nem os estrangeiros nos consideram como nação independente. Effectivamente, depois da approvação da salamancada, ninguem pôde supprir-nos, senão um feudo da Hespanha. Mas que fossemos escravos da curia romana, ao ponto de nem sequer reagirmos contra este estúpido e insolente acto do arcebispo de Góá, ficámo-lo sabendo agora.

Portuguezes! gritae: Viva el-rei! Viva a monarchia!

MAGALHÃES LIMA.

ROUGET DE LISLE E A MARSELHEZA

A França, a grande nação republicana que os monarchicos pretendem morder diariamente, mas debalde, presta successivamente homenagem aos seus homens mais notaveis. Ainda ha mezes Choisy-Le-Roi erguia uma estatuá ao inspirado autor da marseleza, esse canto heroico da liberdade, que levanta d'enthusiasmo as multitudes e que depois de 100 annos ainda é o terror de todos os engraxa botas da realza e já hoje a cidade de Lons-le-Saulnier procede analogamente seguindo o exemplo da primeira na paga da divida de gratidão, que a monarchia deixara sempre em aberto, ao grande revolucionario de 92. O povo portuguez, que adora a marseleza, o seu canto revolucionario predilecto, que tem feito a cabeça em agua ao Arrobas e ao sr. Arthur Ravara, que, valha a verdade, são uns pobres diabos que só conseguem tornar-se ridiculos, mas de modo algum incommodar-nos, deve saber a historia da origem do canto famoso de Rouget de Lisle. Vamos-lhe dar algumas informações preciosas rogando-lhe entretanto que não vá incommodar o nosso pobre administrador na força do seu enthusiasmo. Coitado, deixa-lo que elle bem nos tem feito rir e nós não temos ilhargas para mais.

e a impiedade de considerar possível a união hypostatica da eterna sabedoria e Omnipotencia com um jumento; de modo que todas as honras e gloria, que a Igreja tributa á mãe de Jesus, podiam por effeito de acaso ser dispensadas a uma jumenta!... segundo os taes doutores.

É da mesma forma evidente o absurdo que resultaria da fusão heterogenea da summa sabedoria e da summa verdade com a ignorancia e com o erro. A razão repugna tanto um Deus fallivel como um Deus enganador, mentiroso e sujeito á morte.

A blasfemia chama o Espirito Santo abysmo dos peccados, dizendo que «o impio depois de n'elle se precipitar despreza a sua mesma infelicidade, mas que o espera a eterna ignomi-

Rouget de Lisle era capitão d'engenharia do exercito do Rheno quando compoz o hymno guerreiro. Tinha reputação de bom musico e bom poeta entre as pessoas que o conheciam. Havia em Strasbourg um individuo importante, o sr. Dietrich, então maire d'aquella cidade, muito relacionado com a officialidade militar e cuja casa era um ponto principal de reunião do que na cidade havia de mais notavel.

Um dia assistia a umas reuniões Rouget de Lisle com outros officiaes entre os quaes se achavam Masclet Dufalga, Vergousse, que haviam de desempenhar mais tarde papeis importantes na historia franceza, quando Dietrich voltando-se para elles exclamou:

— «Vamos entrar breve em campanha e precisamos d'um canto de guerra para animar e guiar os nossos jovens soldados: o corpo municipal dará um premio ao melhor que apparecer. Fallae n'isso aos vossos amigos; vou mandar annunciar o concurso nos jornaes.»

Rouget de Lisle, a quem o maire, segundo se refere, se dirigira em especial incitando-o a compor o canto, entrou n'essa noite em casa resolvido decididamente a pôr mãos á obra. Não dormiu e durante toda a noite fez varias tentativas para conseguir o fim desejado. De manhã, ás 7 horas, entrou triumphante em casa do seu amigo e collega o official Masclet, levando no bolso a alavanca mais poderosa da revolução franceza, aquelle hymno sublime que valeu por milhares de homens, cheio de grandiosas alternativas d'odio e amor, de sorrisos e lagrimas, de vingança e compaixão.

Masclet cheio de admiracão pelo canto brilhante, propoz ao amigo a substituição d'alguns versos, porque Rouget, note-se, foi o autor da letra e da musica. De commum accordo resolveram substituir estes versos d'ultima strophe:

Et que les trônes des tyrans
 Croulent au bruit de notre gloire!

por este
 Que tes ennemis exultants
 Voient ton triomphe et notre gloire.

e o resto ficou.
 Á noite procedia-se á experiencia em casa do maire. Contava-se com acompanhamento de musica, quando na terceira estrophe houve uma suspensão quasi repentina. Todos choravam e abraçaram-se commovidos. Assim havia de succeder sempre. Aquella canção formidavel era a alma d'um povo livre.

O hymno foi immediatamente offerecido ao marechal Luckner, precedido d'uma dedicatória, sob o nome de *Canto de guerra do exercito do Rheno* e foi o batalhão de Rhones et Loire commandado por Cerisiat o primeiro que teve a honra de o cantar.

A seguinte carta curiosa dirigida por Luisa Dietrich, mulher do maire de Strasbourg, ao irmão dá informações importantes sobre o nascimento da marseleza.

Sacrilegio, Magia e Astrologia

A fabrica jesuitica passando ao sacrilegio continuou a bolsar estes venenosos productos dos seus refalsados doutores theologos:

A lei da Igreja, que nos ordena ouvir missa, commungar, etc., não nos ordena de nenhuma sorte que o façamos bem nem com dignas disposições. Ella pôde aconselhar-o mas não o determina;

D'aqui vem que se pôde satisfazer

Caro irmão

Ha uns poucos de dias que não faço senão copiar e transcrever musica, occupação que me diverte e distrahe bastante, sobretudo n'este momento em que se não falla por toda a parte senão de politica. Como sabes recebemos muita gente e é preciso sempre inventar alguma cousa, quer para mudar de conversa, quer para tratar d'assumptos que offereçam distracção e por isso meu marido imaginou arranjar um canto d'ocasião. O capitão de engenharia Rouget de Lisle, um poeta e um compositor muito amavel, fez rapidamente a musica do canto guerreiro. Meu marido, que é bom tenor, cantou-o e achamo-lo muito arrebatador e com originalidade. É um du Gluck mais vivo e entusiasta. . . . Toda a gente que estava em nossa casa gostou muito d'elle. Mando-te uma copia da musica. Fa-lo cantar pelos musicos curiosos que te cercam e verás como ficas encantado.

Tua irmã etc.
 Vejámos agora como é que a *Marseleza* tomou este nome tendo-o o seu autor denominado— *Canto de guerra do exercito do Rheno*.

Em junho de 1792 juntaram-se em Marselha muitos deputados de diferentes cidades francezas com o fim de concordarem nos meios de resistir ao estrangeiro villão, que pretendia suffocar a republica.

A 22 d'esse mez houve um jantar de 80 talheres em casa do pastelleiro David. Á sobremesa Mireur, orador notavel possuidor d'uma bella voz ergueu-se e entoou o *canto de guerra*. Á estupefacção dos convivas, que o não conheciam, succedeu um verdadeiro delirio e os redactores do *Jornal des departemens meridionaux* que assistiam ao jantar publicaram-no no dia seguinte mas substituindo esta quadra.

Tout est soldat pour vous combattre
 S'ils meurent nos jeunes heros,
 La terra en produit de nouveaux
 Contre vous tous prêts á se battre

por a seguinte
 Sous l'etendard de la patrie
 Nous volerons tous au combat
 La liberté conduit nos bras,
 C'est son amour qui nous rallie.

Em poucos dias toda a Marselha o conhecia e os voluntarios deixavam a cidade cantando-o com furor, ao passo que era tocado pelas musicas offi-

a estes preceitos por actos exteriores, como o de uma communhão sacrilega e voluntariamente feita de um modo indigno; ou pela assistencia á missa com fins máus e peccaminosos. Aquelle que commungou indignamente satisfize a toda a obrigação que pelo concilio Lateranense lhe foi imposta; porque, emfim, uma communhão sacrilega, fallando propriamente, é uma communhão;

É ainda provavel que esta doutrina seja verdadeira n'aquelles casos em que o papa acrescenta (nas bullas das indulgencias) as palavras:—para aquelles que devotamente commungarem.

Agora antes d'entrar na doutrina da Igreja digamos sempre que Catão e outros pagãos que pensavam com

ciaes. D'ahi o conheceu toda a França e por essa razão o denominou *Marseleza*, ou antes, *Marseillaise*.

A 30 de Julho, ao meio dia desfilavam os voluntarios meridionaes na praça da Bastilha de bandeiras desfaldadas e mão no coração que ardia em patriotismo entoando com ardor a *Marseleza*, que ficou sendo o canto nacional francez.

A *Marseleza* hoje não é o canto guerreiro da França sómente, é o hymno da republica universal. Para os temperamentos meridionaes principalmente é insubstituivel. Tornou-se-nos uma necessidade. A alma do verdadeiro republicano precisa d'aquellas strophes soberbas para se engrandecer e revoltar, necessita d'aquella musica extraordinaria para morrer contente nas barricadas, desafiando os engraxadores da realza, sem sciencia nem consciencia, com um riso d'altivo heroismo.

Meyerber, o maior genio musical que o mundo tem visto dizia em 1830 ao velho Rouget de Lisle:

«A vossa *Marseleza* sempre bella e sempre joven como as cousas immortaes, resoa em todos os theatros e acha echo em todos os corações que batem pela liberdade.»

Assim foi, assim é e assim será. Que importou que os orleans e o imperio a prohibissem? Na primeira campanha o soldado calcava a pés a prohibição e cantava-a, porque só assim podia morrer contente lembrando-se da patria, a patria amada da Republica, que já expirava. É que não se prohibem os sentimentos. A *marseleza* é a encarnação viva d'uma idéa n'um povo, e é a aspiração sublime da humanidade pensante. A idéa não se oblitera, o pensamento só se abafa um dia.

Eu adoro-a por muito que lhe peze, sr. administrador do concelho d'Aveiro. V. Ex.ª odei-a, mas tem desculpa, porque V. Ex.ª tem idéas e pensamentos mas... no estado rudimentar. Um dia, quando vier a revolução (porque ha-de vir, creia) hei-de-me desferrar. Não pense na forca, ou na guilhotina. Nada disso. Não preciso para nada da sua cabeça; guarde esse precioso aquario, que oxalá tenha lá dentro alguma cousa melhor do que o que Bordallo Pinheiro suppoz na do Arrobas. A minha vingança é pequenina, insignificante—leva-lo em triumpho por as ruas da cidade d'Aveiro, a famigerada terra do mexilhão, alimento irritante de que V. Ex.ª é grande amator com prejuizo grave da humanidade, n'aquelle estado em que os judeus trouxeram a Christo n'um domingo de ramos de ha 19 seculos, sem dispensar o competente animalejo, cantando a marseleza para gaudio do rapasio e das regateiras que o estimam deveras se-

elle eram bem mais coerentes com o christianismo do que a celebre e heidionda seita. Catão dizia que procurava mais ser bom do que parecê-lo.

A companhia reduziu todo o christianismo a um simples mechanismo d'exterioridades hypocritas, e esta qualificação lhe quadra tão bem e com tanta justeza e propriedade como se vê da seguinte passagem de S. Matheus em que Jesus Christo diz: «Este povo hypocrita me honra e louva com a boca, mas o seu coração está longe de mim.» S. João Evangelista diz: «E os que o adoram (Deus) devem adoral-o em espirito e verdade. Não amemos de palavra nem com a lingua, mas sim com a obra e de verdade.» S. Agostinho afirma: «Não se dá culto a Deus, senão amando a

gundo é voz publica. Fiquem certo, po- rem, de que me não esquecerei de o fazer acompanhar por um destacamen- to de cavallaria, não para o livrar da hydra, como V. Ex.ª agora nos faz, mas para lhe evitar alguma fricção desagradavel produzida pelas chinellas das referidas regateiras, que tambem se não de pretender vingar, olé.

ENSINO UTIL

HABITAÇÕES PRIMITIVAS

As observações relativas ao perio- do pre-historico, designado pelo nome d'idade de pedra, tem-se multiplicado ha alguns annos para cá em todos os pontos da Europa. Deixaram de ser contestadas as descobertas d'este ge- nero. A geologia estendendo a mão á anthropologia fê-la remontar aos secu- los passados.

As armas, a louça e os utensilios que caracterizam a idade de pedra tem sido descobertos nas turfeiras, nas cavernas, nos abrigos naturaes col- locados sobre rochas inclinadas, em sub- terraneos artificiaes, nos alluviões do periodo quaternario, nos lagos da Suí- sa, d'Italia e Saboia, nos depositos dos antigos lagos hoje secos. Dá-se por- certa a existencia d'utensilios pre-his- toricos em muitissimos pontos da Eu- ropa, Asia e Africa. O duque de Luy- nes e Lartet, filho, trouxeram ha pou- co alguns da sua viagem á Palestina. Estes restos mostram em toda a par- te uma extrema analogia e demons- tram a existencia em todo o globo, n'aquella epocha, d'um identico estado social. Consistem em instrumentos de trabalho, em objectos de toilette e em tropheus de caça. Este periodo da his- toria da humanidade é caracterizado pelo emprego d'instrumentos de tra- balho em pedra bruta e pela ausencia completa de metaes.

Eis os objectos mais notaveis que se tem encontrado :

Buris ou furadores de ossos de rangifer, facas, raspadores, machados e pequenas serras de sílex; casse-tetes e pedras de fundas; pedras d'afiar; agulhas cujo comprimento varia de 0,025 a 0,095, com os fundos perfeita- mente executados; dentes de rumi- nantes e carnivoros com um ou dois buracos; objectos d'osso com desenhos representando animaes; fragmentos de louça de barro grosseira executada á mão; apitos feitos com o auxilio de pequenas phalanges de ruminantes; con- chas maritimas encerrando cores mi- neraes destinadas provavelmente á pin- tura do corpo (Tatouage).

Examinando estes diversos objec- tos e principalmente flechas pequenas, não se pode deixar de pasmar da ha- bilidade e da paciencia que deveriam ter os homens d'aquella epocha, visto não terem á sua disposição para exe- cutar aquelles trabalhos senão grossei- ros instrumentos de sílex.

As dragagens realisadas nos lagos da Suísa, em pontos onde eram si- tuadas n'outro tempo as habitações maritimas construidas sobre estacada e não podendo comunicar com a fraia senão por meio de pontes volantes, tem enriquecido as collecções com objectos muito preciosos taes como machados de pedra com cabos de veado, tecidos, cestos, restos d'alimentos de toda a especie, pequenas embarca- ções etc.

Os animaes da idade de pedra con- stavam em especial de carnivoros e de grandes pachydermes, de cavallos, de rangifer, de bois, veados, camellos, bodes, javalis, muitas especies d'ursos,

Deus. Não porque Deus não queira o culto exterior; mas porque o exterior lhe não agrada senão quando é acom- panhado do interior.

Por isso mereceu esta materia a condemnación de Innocencio XI e Ale- xandre VII, pontífices romanos, no que foram acompanhados por todo o clero francez.

Magia

Tratando do vicio da magia em- penhamos para a inocular no publico os seus famosos doutores: A. de Es- cobar, J. B. Taberna, R. Aredekin, P. Layman, Trachala, etc., que se arro- jaram a dogmatizar, em resumo :

Aquelles que uma vez adquiriram alguma sciencia pelo socorro do De- monio podem licitamente usar d'ella;

lebres, ratos, coelhos, etc. Encontram- se igualmente nos depositos d'essa epocha ossos d'aves e peixes, assim como conchas etc. O sr. Tournal, que visitou com outros geologos as cavernas de que fallamos, concluiu que estes monumentos, cuja descoberta é de- vida ao acaso, podem ser considera- dos como os mais antigos da Europa. São anteriores ás muralhas de Tarrag- ona e aos dolmens da Bretanha. O de Leojac é aberto n'um saibro marno- so azulado, ligeiramente agglutinado e que se desagrega facilmente com as unhas. A disposição d'estas cavernas apresenta caracteres estrategicos evi- dentes. As galerias tem pouco mais ou menos dois metros d'altura, mas abaixam-se de repente na proximida- de dos aposentos e dão passagem so- mente a uma pessoa, de modo que um individuo, munido d'um casse-tete, po- dia facilmente deter todos os assaltan- tes que se apresentassem a forçar a entrada, a uma por um e curvados sem nenhum meio de defeza, porque era impossivel entrar d'outro modo. Acres- centemos que muitas galerias eram ainda embaraçadas por travessas de madeira fixas em aberturas lateraes. Observam-se nas paredes das camaras traços perfeitamente conservados dos instrumentos de pedra que serviram para abrir as habitações subterraneas, onde se penetrava por duas entradas muito bem disfarçadas. Em quasi to- dos os compartimentos ha nichos que serviam para a collocação dos manti- mentos, e em alguns se achavam no- zes, castanhas e até uma especie de milho pequeno de que os camponezes de Ariege e Aveyron se servem ainda para fabricar pão. O tempo carbonizou estas diferentes especies d'alimentos. Vê-se facilmente que as galerias estão usadas pela passagem frequente dos moradores. Uma das primeiras neces- sidades do homem foi garantir-se dos ataques dos animaes ferozes e pôr-se ao abrigo dos agentes atmospericos. Em todos os tempos e mesmo aos nos- sos dias as populações perseguidas por tribus hostis refugiavam-se em cavernas e subterraneos artificiaes. Tal é a ori- gem das habitações troglodyticas. To- dos os autores antigos, todos os poe- tas antigos, Eschylo, Vitruvio, Plinio, Virgilio, etc., demonstram que o ho- mem habitou primeiro cavernas ou cas- as abertas debaixo da terra, mas não é forçoso concluir-se d'ahi que as ha- bitações troglodyticas remontam aos tempos pre-historicos; existem, como acabamos de ver, outras mais antigas.

O estudo das cavernas d'ossadas e dos depositos geologicos do periodo quaternario prova que o homem foi contemporaneo do Ursus Spelocus e de grandes pachydermes! As observa- ções dos srs. Christy Filhol, Lartet, Garrigou, os de Perthes não deixam nenhuma duvida a tal respeito. Este facto prova a enorme antiguidade da especie humana, porque o urso de frente curva é considerado por todos os geologos como fossil e porque as especies animaes não se extinguem senão passada uma longa serie de secu- los.

Que data é preciso marcar ao prin- cipio e á duração da epocha pre-his- torica? É impossivel n'este momento resolver essa questão. O que se pode por agora dizer é que as diversas tri- bus celticas encontraram na epocha da sua invasão na Europa uma população aborigene, troglodyta, cujos traços en- contramos n'uma multidão de lugares. Essa população vivia agrupada em fa- milias pequenas, n'um estado comple- to de selvageria. O que se pode affir- mar é que a idade de pedra, o perio-

O feiticeiro, seja qual for o resul- tado da sua advinhação, não é obriga- do a restituir o dinheiro recebido, uma vez que seja instruido e habil na sua arte;

Quando ha meio de romper um maleficio é licito obrigar um feiticeiro até á força de pancadas a rompê-lo;

Um christão que dá culto aos deus- lares peccará, quando muito, leve e venialmente.

Aqui, como em toda a parte, ha manifesta opposição. Vejamos o Exo- do: «Não consintas, diz Deus, que vi- vam os feiticeiros. E o Levitico e Deu- teronomio: Não procureis os magicos nem faças perguntas aos advinhade- res. Eu que sou vosso Deus assim o mando. Porei a minha face contra o homem que se valer dos magicos e ad-

do prehistorico, abraça uma longa se- rie de seculos.

NOTICIAS DA PARVONIA

O philosopho Sextus Conrad, em viagem n'aquelle paiz, escreve ao seu amigo Jorge Gassendi, actualmente em Pariz, entre outras cousas o seguinte:

«Não te occultarei, meu amigo, uma impressão indefinivel, mas com tendencias a hilariente, que experimen- tei n'um d'estes ultimos dias, devido á amabilidade d'um indigena, que me mostrou um documento assás curioso. Eis o caso: n'este paiz, na divisão de instrucção publica, ha para a primaria sub-inspectores, classe de funciona- rios com attribuições quasi s'ó buro- craticas, de secretarias. Um d'estes se- nboreos officiou a uma camara munic- ipal aconselhando-a a não pagar aos professores primarios com o funda- mento de que alguns não haviam rem- tido á sub-inspecção a nota de frequencia do ultimo mez, falta de que não tinham sido advertidos pelo sub- inspector. Ora deves saber que aquil- lo que impropriamente se chama poli- tica envolve e corroe tudo n'este paiz de modo que a camara mesmo a ter dinheiro e vontade de pagar aquelles miseros sobre cuja cabeça não pesava a interdicção sub-inspectoral não se atreveria a fazel-o para não crear atritos e inimigos politicos; e mais deves saber que o professor ganha aqui á vol- ta de tres tostões. Mas, pelas barbas do propheta! não vás deduzir d'aqui que o dinheiro seja extremamente raro n'este paiz; pelo contrario: aquel- la quantia levará qualquer locandeiro ao professor por um almoço muito frugal n'uma modesta casa de pasto».

«Aqui pensa-se geralmente, na re- gião official e fóra d'ella, que o profes- sor primario não communga nas con- dições humanas e sociaes, isto é, não o consideram homem nem cidadão. Ainda não pude perceber a razão; mas prometto estudar o assumpto, e direi. Sabes que apaixonado pela verdade, como sou, costumo observar com tanta imparcialidade e frieza como isen- ção de preconceitos. Não taxes, pois, de absurdo o que te communico, por- que se ahí o ha, é resultante dos factos e não da minha apreciação».

«De modo que ninguém aqui es- tranha que o rei (esquecia-me dizer-te que este paiz, apezar d'afastado do mundo por muitos antagonismos mo- rales, tambem se rege pela antiga for- mula monarchica hereditaria) receba no fim do mez, e tambem dizem que ás vezes em antes, algumas dezenas de contos de reis, e que os funciona- rios abaixo recebam na mesma data algumas centenas e outros dezenas de mil reis. Alguns d'estes não trabalham. O indigena illustrado explica ao es- trangeiro curioso este facto, que a nós nos parece anormal, da seguinte for- ma: «são altos funcionarios, gosam benesses e sinecuras, são aposentados, jubilados, etc. Se tiver tempo tambem hei de estudar esta questão. Mas to- dos se admiram quando o professor no fim de meio anno, de oito mezes ou d'um anno, envergonhado e famin- to, pede que lhe paguem esse tempo atrasado. O indigena, naturalmente in- dolente e complacente, desfecha então um sorriso morninho e máo que pa- rece capitular o professor de petulan- te e indisciplinado, e passa adiante».

«Tenho procurado (mas com a pru- dencia e circumspecção que a minha qualidade de estrangeiro me impõe) elucidar e encaminhar a corrente da

vinhadores e com a morte o apartarei do meio do meu povo. Não se ache em ti quem purifique a seu filho ou filha por meio do jogo, etc. etc., tudo isto abomina o Senhor e por estas mal- dades os hade exterminar.»

O concilio d'Ancyra resolveu: «Os que creem em agouros, ou em sonhos ou advinhações á maneira dos gentios, confessem-se e façam penitencia por cinco annos.» E o concilio sexto de Pariz: «Ha outros males perniciosissimos que ninguém duvida são reliquias da gentildade: magicos, feiticeiros, advinhadores e os que observam os sonhos. E manda a divina lei que se- jam todos irremissivelmente castiga- dos.»

Alexandre VII, pontífice, o clero de França e a Universidade de Pariz

opinião a este proposito, mas o indige- na em tudo rotineiro e monotono torna-me invariavelmente que o profes- sor nem isso merece, pertendendo, segundo eu pude perceber, que o profes- sor completamente abandonado e despresado opere o milagre de provar que merece quinze para então, e só en- tão, discutir se se deverá dar-lhe cin- co. Procurei n'este ponto convencel-o de que era ha muito passado o tempo dos martyres, das devoções asceti- cas, e dos eremitas que se alimenta- vam de raizes e pequenos fructos sil- vestres. Recorri ainda a uma parabola tão simples como accessivel á rudeza indigena: «antes de colher é necessa- rio semear; isto é fatalmente indispen- savel e logico.» Tudo foi baldado. Eu supponho que este refractarismo a uma idea innata e inicial que occupa logar avantajado na mioleira chinesa e japo- neza, franceza e ingleza, como já suc- ceceu a respeito d'assyrios e de mé- dos, de egypcios e de chaldeos, resulta directamente d'um defeito organico e depois mediatamente d'uma anormali- dade psychologica filha da reiteração no erro e d'um dyscrasismo cerebral que não sei como capitular em physio- logia. Hei de estudar isto opportunamente.»

«Apontarei mais um facto: um dia d'estes o principal jornal—órgão do partido republicano (aqui ha republica- nos, numerosos, convictos e cheios de generosas aspirações mas ainda desor- ganizados e faltos de disciplina) censu- rava asperamente no dia tres do cor- rente o facto de se não ter pago aos carteiros distribuidores o ordenado do mez antecedente. Dos professores não terem recebido ha muitos mezes nin- guem se admirava.»

CATÃO LUSITANO.

ESTATISCA CURIOSA

Das magnificas estatísticas criminaes publicadas nos ultimos numeros do jornal parisiense L'Intransigeant ex- trahimos a seguinte que é interessante. De 1833 a 1880 foram pronunciadas em França 4775 sentenças de morte assim divididas por annos :

Table with 2 columns: Year and Number of death sentences. Data: 1833 (129), 1836 (197), 1841 (240), 1846 (245), 1851 (282), 1856 (217), 1861 (108), 1866 (85), 1871 (145), 1876 (127).

Dos condemnados 4.570 eram ho- mens (88%) e 205 mulheres (4%)

De idade tinham—107,6% de 16 a 21 annos; 532 (30%) de 21 a 30 annos; 534 (30%) de trinta a quarenta annos; 180 (10%) de cincoenta a ses- senta annos, e 69 (14%) mais de ses- senta annos.

Mais de dois quintos d'entre elles, 767 ou 43%, já tinham sido condemna- dos a diferentes penas anteriormente. Foram condemnados á morte: 1.182 (66 por%) por assassinato; 145 (8 por 100) por homicidio acompanhado de crime ou delicto; 133 (7 por 100) por parricidio; 103 (6 por 100) por envenenamento; 101 (6 por 100) por incendio d'edificios habitados; 68 (4 por 100) por infanticidio; 18 (1 por 100) por morte de funcionarios; 14 (1 por 100) por crimes politicos; e 2 por cri- mes commetidos por individuos já con- demnados a trabalhos forçados.

A pena capital foi commutada a condemnaram a doutrina jesuitica da malaglia por falsa, temeraria e fauto- ra d'embustes diabolicos.

Astrologia

Tudo topar na puerilidade da as- trologia judiciaria ensinaram os falsos companheiros de Jesus:

Uma advinhação feita pelos astros póde ser isenta de todo o peccado quan- do é combinado com os costumes de qualquer homem; porque os astros e o caracter pessoal de um homem podem ter a força de inclinarem a sua vontade a um acontecimento;

A chiromancia e a mesma astrologia se prognosticam certas cousas, so- mente como provaveis são permitti- das.

Isto dizem elles; mas Deus disse

632 em trabalhos publicos por toda vida, a 13 em 20 annos de trabalhos, a 25 em prisão perpetua e a 1 em 20 annos de prisão; 37 morreram ou suicidaram-se alguns dias depois de dada a sentença. Os restantes 1.067 (60 por 100) soffreram a pena de morte. As execuções das mulheres tem-se tornado cada vez mais raras. Houve- ram 39 de 1846 a 1860 e 6 de 1861 a 1875. De 1876 para cá ainda não houve nenhuma. O direito de perdão tem sido assim exercido nos diversos periodos politicos. De 1826 a 1830, assim como de 1831 a 1847 o numero proporcional de commutações da pena capital foi de 36 por 100; ele- vou-se successivamente a 39 por 100 de 1848 a 1852; a 46 por 100 de 1853 a 1870 e a 61 por 100 de 1871 a 1880. Até n'isso a republica está por cimal

Do jornal A Liberdade de Vizeu transcrevemos o seguinte artigo muito bem pensado:

ESTÁ SALVO O REI...

«As «Instituições». — esse asceroso guardanapo de sentina, que á moda de rainheira debochada troca o nome com a facilidade com que a cobra muda a pelle, diz- nos n'um dos seus ultimos numeros o seguinte:

«Parece que se cuida em olhar a serio para as fileiras do exercito. Seja á vontade republicano «quem o quizer ser», mas o que se não pode consentir é que seja repu- blicano «quem veste uma farda e ciage uma banda».

Já viram contradicção mais palpavel, maior ausencia de logica?

Bem se vê que estas linhas absurdas não podiam ser ditadas senão pelo famigerado ex redactor do «Espectro da Granja», por esse espirito pequenino que se seja repu- blicano «quem veste uma farda e ciage uma banda».

De sorte que, podendo ser toda a gente republicana, não o pode ser quem veste uma farda e ciage uma banda.

Mas por que?

Das duas uma: Ou por que os que cin- gem a banda e vestem a farda estão fora da especie (o que não consta dos mais nota- veis trabalhos zoologicos e d'anthropologia), e n'este caso as «Instituições» não foram illogicas nem contradictorias, — o que fará sensação, — ou então os que vestem a farda e cingem a banda estão na especie, mas, segundo o modo de ver do «guardanapo», devem desertar do tempo, apontar as espi- gardas contra os progressos humanos e pedirem devotissimamente ao que faz nas- cer os melões que lhes arranque do espirito esses caudales de luz que os compromet- to, concitando-os a caminhar em demanda das perfeições sociaes, e que finalmente em vez d'elles, dos caudales, lhes povoa a alma de estulticia e velhaçaria da fôrça da do ex- redactor do «Espectro».

Similhanes salafarrios deviam ser ex- tirpados de preferencia ao phylloxera, por satisfacção á humanidade, para bem da hy- giene publica e muito particularmente para proveito da causa que o asno compromette julgando que defende.

Em face de taes protectores faz-nos dó a monarchia!

Coitada!

A que abatimento chegou!

Apoiado. Mas ainda ha mais. Um salafarrio miseravel diz que não se deve consentir que um official seja re- publicano. Ora a quem isso se não deve consentir é a elle. Porque o official tem uma posição adquirida á custa do seu estudo e do seu dinheiro, inde- pendente de qualquer favor palaciano; posição a que chegou em virtude da lei que o torna official em troca d'uns poucos d'annos de serviço de fileira prestado á nação ou em troca d'uma carta conseguida com muitos sacrificios e com muita honradez; carta que o leva até aos exercitos estrangeiros se elle quizer. Porconsequente esse indi- viduo é official, quer o rei o queira, quer não queira; quer o ministro o deseje, quer não deseje; é-o por

por Isaías: «Estejam agora por ti pa- ra que te salvem os agoureiros do ceo que contemplavam os astros e faziam contas dos mezes para que por meio d'estes te annunciassem o que te ha- via de succeder ou aos futuros. Eil-os ahí como uma palha que o fogo con- sumio, e as suas artes não livrarão a tua alma da voracidade das chammas. E por Jeremias: O que diz o Se- nhor. Não queiras aprender os cami- nhos usos ou costumes dos gentios; e não tenhas medo dos signaes do ceo, que elles temem.»

Tertuliano S. Agostinho, Theodo- reto e todos os padres da Igreja con- sideram a astrologia como uma espe- cie d'idolatria abominavel e d'espida de fé e piedade christã.

EDUARDO VAVINS.

isto só — porque a lei manda, e como a lei é feita por a nação a sua espada está unicamente ao serviço da nação.

Outro tanto não succede ao malandro das Instituições, que, podendo ter sido varredor das ruas, foi erguido á posição que occupa por obra e graça d'el-rei nosso senhor e por favoritismo escandaloso d'um ministro devasso. Esse homem nojento será demittido quando o rei quizer, emquanto que o official só o será, quando um conselho de guerra o determinar.

A differença é saliente. Quanto ás perseguições descance. Os officiaes ardem-nas com a ponta da bota. Não lhe tem medo.

CARTAS

Não recebemos carta do nosso estimavel correspondente de Lisboa.

Rogamos aos sns. assignantes a quem temos enviado recibos o obsequio de mandarem satisfazer as respectivas importancias para podermos organizar uma administração facil e regular. É fineza que esperamos merecer e com que contamos.

A semana passada foi condemnado em Paris a trabalhos publicos perpetuos um miseravel accusado d'um crime hediondo. Eis os factos.

Tendo uma pobre velha perdido o marido ha tres annos seus quatro filhos propozeram-lhe a renuncia dos seus bens em favor d'elles mediante uma renda de 240 francos) quarenta e tantos mil reis) no que ella concordou. Mais tarde Augusto Ginat, um dos filhos, em virtude d'um contrato entre elle e um dos irmãos ficou encarregado de pagar metade da renda 120 fr., o que fazia com grande custo.

Muito perguicoso e amante do vinho gastava na taberna o que a pobre mãe esperava de balde sem ousar reclama-lo, receiando que o filho se entregasse a actos de violencia. No mez de Março, porem, tendo muita necessidade de dinheiro e vendo que o filho não lh'o dava encarregou um notario de lh'o mandar pedir o que este fez.

A cinco d'Abril Ginat sahiu de casa dizendo á mulher: «Vou pagar a renda á velha toupeira.» No dia seguinte os visitos vendendo as portas e janellas da casa da mãe ainda fechadas a uma hora já muito adiantada do dia entraram dentro desconfiando d'um crime e encontraram a desgraçada suspensa d'uma corda que lhe passava em laço no pescoço. O miseravel Ginat, o filho tinha-a enforcado fazendo correr o boato d'um suicidio que ninguem acreditou. Preso confesso o crime depois d'algumas hesitações.

Ora eis aqui um malandro a quem a guilhotina fez falta.

Diz o Seculo:

«Na romaria do Sameiro, formada por uns 30 padrecas de batinas sebetas com alguns seminaristas breves, ha uma imagem da Castidade, esculpida pelos reverendos João Conde, Mendes, Kocht e Solinha, imagem muito da devoção das beatas que a ella recorriam em occasiões criticas. Pois estes homens, não puderam sustentar a santa e lançaram-a por terra esmagando-se nas pedras da calçada.

Braga chora officia a perda da Castidade.

A despesa orçada com a administração da justiça do paiz, custa-nos nada menos de 4.532,844\$202 reis. Com a nossa marinha dispendemos tambem a continha redonda de reis 2.364:098\$348.

Sim, senhores. Podemos limpar as mãos ás paredes, que estamos bem servidos quer n'uma quer n'outra cousa.

Recebemos o primeiro numero d'um novo jornal democratico que encetou a sua publicação em Lisboa, com o titulo de A Republica Portuguesa. É o successor de outro jornal republicano a Epocha, que ha dias suspendeu a sua publicação.

Ao novel campeão da mais nobre e sympathica das causas, ao energico luctador que agora se apresenta no campo da imprensa com a audacia d'um valente, desejamos nós uma existencia gloriosa e uma prosperidade completa.

Recebemos tambem o primeiro numero de um novo jornal illustrado, que principiou a publicar-se em Lisboa com o titulo O Raio.

Fundou-se no Porto um novo centro republicano com a denominação do Club Commercial Democratico.

A onde cresce. Os srs. monarchicos das tratadas, que se não abeirem muito da praia. Olhem que a onda tambem os pode alcançar.

Os jornaes monarchicos tem apregoado para ali todos os dias as altas munificencias da rainha de Saboia na sua digressão por estes reinos, com o generoso proposito de armar ao effeito e illudir os papalvos. Por exemplo, o anjo da caridade deu 225:000 reis de esmola aos pobres da Fronteira. Uma bella acção, não ha duvida! Mas o que esses jornaes se esquecem de acrescentar—é que aquelle dinheiro sahiu do cofre dos inundados. S. Magestade pode dar quantas esmolas quizer; o cofre dos inundados é que paga as favas. N'este caso não ha negocio mais barato: a rainha dá o que propriamente não é d'ella e os jornaes do pagode realengo agradecem e applaudem a farça. Tem carradas de razão.

Principiou a sua publicação em Lisboa um novo semanario humorista intitulado o Alfacinha redigido pelo sr. Urbano de Castro e illustrado pelo sr. Joaquim Costa.

A passeiata das magestades brigantinas já não é em outubro, como em principio se disse; ficou addiada para a proxima primavera.

As testas coroadas não deixam de ter a sua razão. Ao cahir da folha não é lá das melhores epochas para os monarchas se porem ao fresco. A estação das flores, das esperanças e dos poetas casa-se melhor com a gravidade symbolica dos augustos viagantes. Deve ser isso.

Vae apparecer brevemente em Lisboa mais um novo jornal regenerador, de que é redactor o sr. Barjona de Freitas. Este novo campeão dos baldomeras não será ainda assim muito das sympathias do sr. Fontes.

Os professores de instrução primaria do concelho de Cambra, estão sem receber os seus ordenados vae para perto de sete mezes. É d'um despeito monumental e degradante a maneira como são tratados em grande parte estes pobres servidores do estado.

Não só são pessimamente retribuidos, mas ainda para cumulo de ironia não andam pagas em dia e de ordinario com atraso sensivel. O sr. governador civil que se digne dar providencias como é do seu dever. Nada de apadrinhar corporações municipaes por connivencia e facciosismo.

Na tourada que se realisou no domingo em Almada, na occasião em que a arena estava repleta de povo, soldados e policiaes, que se misturavam e

confundiam n'uma balburdia e n'um cahos em que ninguem se entendia, um gracioso de mau gosto abriu a porta do touril ao boi que de subito investiu contra a multidão, ficando muito maltratado o capitão da força e um official que teve de ser transportado a casa em carruagem.

Quando é que se hade acabar por uma vez com um espectáculo tão estúpido como brutal? Quando por toda a parte se tracta de educar o povo, de o moralisar, de lhe suavisar os costumes e morigerar as tendencias, parece que nós caprichamos em dar apoio a um divertimento perfilhado pelos marialvas dissolutos e pelos fidalgos ociosos, arruinados e fadistas. Colloquemo-nos verdadeiramente á altura da civilização.

Um padrecas assanhado da freguezia de Lanhellas fez um acto de fé ao jornal O Seculo por este ser uma folha republicana e dizer mal da religião. Não deixa de ter a sua graça, o tal tonsurado idiota.

O correspondente do Porto para o Jornal da Feira aventou umas insinuações insidiosas a proposito do incidente de que recentemente foi victima o nosso presado collega da Folha Nova, Emygdio de Oliveira. Estes correspondentes patetas, quando não tem mais nada que dizer põe-se a ruminar tolices de effeito brilhante, sem curarem do mal que pretendem fazer e do renome desprezível que por ventura possam angariar.

Isto é facto.

Em Espinho já se joga descaradamente a batota com a maior commoidade possivel, á semilhança dos annos anteriores. Consta-nos que já funcionam nada menos de seis roletas; e o sr. governador civil a dormir sem tomar a mais insignificante precaução. Os batoteiros são os devassos mais felizes d'este mundo. De ordinario tem sempre a auctoridade pelo seu lado. É o que se tem visto.

Rebentou em Lisboa pelas 3 horas e meia da madrugada do dia 31 de Agosto ultimo, um enorme incendio na rua do Caes do Tojo, proximo ao Aterro. Principiou na estancia de madeiras dos srs. Bernardino & Filhos, consumindo-a, bem como as dos srs. Casimiro & Lino.

Nos predios fronteiros estalaram muitos vidros e cantaria.

Ficaram feridos o inspector, 1.º ajndante, 5 marinheiros, 4 bombeiros municipaes, um guarda municipal e um bombeiro voluntario. Morreu um bombeiro de congestão pulmonar, ao chegar ao local do sinistro.

Os prejuizos são calculados em 200:000\$000 reis.

As estancias estavam seguras nas companhias Fedilidade Phenix, Previdencia, Norwich e Probidade.

Os distribuidores da posta rural do telegrapho-postal e ainda tambem os conductores de malas estão á espera dos seus ordenados ha cerca de trez mezes. Que monarchia tão pelintra! nem ao menos tem uns vintens para remunerar estes pobres empregados do estado! O vicio chronico, que n'este paiz apenas ha dinheiro para patrocinar os grandes roubos e pagar os officiaes á realza.

Miseraveis governantes e infelizes governados.

O Oliveirense entretem-se a atirar os seus dichotes desabridos e sensaborões ao partido republicano, naturalmente por falta de materia e de bosta jornalística que a forneça. Este quando não tem que dizer, vinga-se nos republicanos. E então affirma, com toda a franqueza caustica d'um ingenho insignificante e despeitado que os republicanos, por occasião da ultima hambuchata real, foram corridos pelo povo e pelos gaitões da rua. Olhe collega, quem não

tem em que se occupe... faz colhe-res.

Mude de vida enquanto é tempo,

Coisas da monarchia: O governo italiano mandou vender em hasta publica os miseros casebres de 28 aldeãos para pagarem as suas dividas ao fisco.

Achamos excellente.

Entendam-nos. Um jornal regenerador d'esta terra, que vomitou sandices contra a Republica Franceza, publicava oito dias depois uma correspondencia de Paris em que se lê este periodo, em seguida a uma noticia sobre as manifestações realistas: «Apezar, porem, d'estas trez cabeças coroadas, a republica está tranquilla, e forte.» Que gente tão coerente!

Não esqueça que as taes correspondencias franco-portuguezas de que se serve o jornal regenerador são profundamente clericas e retrogradas.

Diz o correspondente da Actualidade, magnate da regeneração:

«Acabo de saber que se fez uma apprehensão importante, não só pela natureza dos objectos apprehendidos, mas pelo alcance que pode dar-se ao facto.

Nas proximidades de Serpa, foram arrestados mil cartuchos embalados, de adarme 16, e que todos tem a seguinte divisa ou legenda:

Igualdade e Fraternidade

F. N.

Esta carga, conduzida em jumentos, era acompanhada por 15 homens, que fugiram para Hespanha, levando comsigo, ao que nos consta, ainda outras cargas d'igual natureza, que não poderam ser apprehendidas.

Parece que, ao todo, eram quatro mil e quinhentos cartuchos, que se pretendia introduzir clandestinamente no paiz. Alem d'aquella divisa, nas caixas com cartuchos veem-se ainda umas letras L. O. e L. B. como marca, indicação ou o que quer que seja.»

Temos a acrescentar a isto, que nos consta terem entrado n'esta cidade aqui ha tempos 250 espingardas Gras e 250 carabinas Remington havendo nas caixas que as continham a seguinte marca A. R., não fallando quem indicasse envolvido n'esse perigoso contrabando um politico muito conhecido em Aveiro pelas suas idéas monarchicas—branco-pretas.

Ah, srs. monarchicos d'uma figa! Então com quê, não ganham para sustos, hein? Ainda é cedo.

Sr. administrador, vigie bem.

De Belem recebemos o telegrama seguinte:

«Ajuda, 28, ás 9 h. e 45 m. da m. (Ao jornal «O Povo de Aveiro.»)

O Centro eleitoral republicano de Belem, reunido em sessão solemne, sauda «O Povo de Aveiro.»

Silverio Antonio Pereira.

Agradecemos o testemunho de consideração que esta valente associação nos votou. Avante, sempre avante, queridissimos correligionarios de Belem!

Reuniu na terça feira pelas 9 horas da noite a assembleia geral do Centro Eleitoral Republicano, para se tratar da eleição dos corpos gerentes e approvação de contas d'este sympathico gremio politico. Aber a a sessão e depois de lida a acta da sessão anterior, o sr. secretario da comissão executiva leu um bem elaborado, magnifico e extenso Relatorio, devido á penna d'um nosso queridissimo collega, escripto com lucidez e veracidade de factos tendentes a evidenciar formalmente a prosperidade e engrandecimento do Centro e as vantagens que já se tinham angariado e as que de futuro se esperavam colher.

Em seguida procedeu-se á eleição da meza da assembleia geral e da comissão executiva que recaihi em individuos muito dignos de quem temos a esperar a mais ampla vitalidade para o Centro e para o desenvolvimento auspicioso do partido repu-

blicano n'esta localidade. Alli temos homems para tudo: correligionarios laboriosos e convictos, cidadãos incorruptiveis e honrados, apóstolos convictos e dedicados. Elles terão por lemma necessariamente a intransigencia politica, que popularisa e consolida as grandes idéas e faz surgir brilhantes dedicações.

Coragem e integridade partidarias, que d'este modo em breve cantaremos victoria sobre as hostes estropeadas dos janizaros da realza. Avante! Avontade do povo será a unica estrela polar que nos hade guiar para o grande ideal de justiça e de liberdade.

Animo e audacia, que o futuro é por nós.

Consta-nos que se trata activamente de promover um processo contra os redactores, proprietarios e empregados d'esta redacção. O processo tem por base a publicação d'uma carta em o n.º 21 d'este jornal, que nos foi enviada por o correio em nome do sr. Francisco Manuel Couceiro e que depois se reconheceu não ser escripta por este senhor, não se podendo porrem averiguar quem era o seu autor.

Parece que a accusação é feita por um anonymo e envolve não só o editor responsavel d'este jornal, mas tambem os seus proprietarios d'então, os que lhe succederam, e não sabemos se tambem os que lhe poderão vir a succeder! Finalmente é uma rede que promette alcançar todos aquelles que por qualquer forma tenham tido relações com esta redacção.

É conveniente notar que logo que nós tivemos conhecimento de que a carta não era verdadeira, foi suspensa a remessa do jornal, publicando-se n'esse dia um supplemento para restabelecer a verdade, declarando a fraude de que tinhamos sido victima e que a carta recebida se achava patente para quem a quizesse examinar.

Demos então todas as satisfações necessarias para desaffrontar a dignidade das pessoas a quem a publicação da tal carta poderia offender. Julgamos a questão terminada; mas enganamos e estamos hoje convencidos que o logro que nos pregaram teve fins reservados e maior alcance do que nós suppunhamos.

O srs. delegado e administrador do concelho empregam toda a sua actividade no desenvolvimento d'este processo em quanto que o celebre processo contra os batoteiros não dá signal de vida.

É que o processo contra o jornal envolve os filhos do povo que vivem honradamente do seu trabalho, mas por que são republicanos procuram-se todos os pretextos para os molestar; e o processo contra os batoteiros envolve uns... sujeitos com quem suas excelencias se dão muito bem; mas fiquem certos que havemos de averiguar este negocio, assim como aonde para tambem o processo instaurado contra o tal Galvão por espancar um dos redactores d'este jornal. Falaremos depois.

PILHERIAS

Quando participaram a Luiz XIV que o cardeal Mazarin acabava de dar a alma a Deus, um cortezoão disse do lado:

— Duvido que elle lha acceitasse.

Em reunião de familia. — Tenho sentido dôres horriveis por causa dos meus dentes, dizia uma senhora.

— O remedio mais effizaz é tiral-os, observou um sujeito que estava presente.

— Por quem é, cavalheiro, essa operação causa dôres ainda mais horriveis.

Bêbê, que andava brincando e ouviu a conversa, diz do lado:

— A mamã tira todas as noites ao deitar da cama quatro dentes, e não lhe doe nada.

— Cale-se, menino, não diga inconveniencias, observa a mamã despeitada.

Bêbê parece confuso e responde:

— É verdade que a mamã torna a pol-os todas as manhãs.

Eis um dito frisante d'um medico celebre ao passar por um cemiterio:

— Ha aqui muitas pessoas que me devem a sua posição.

ANNUNCIOS

ATENÇÃO

Fernando Homem Christo, com loja de carpinteiro na rua d'alfandega, toma encomendas de carpintaria, constando de portas e janellas e outras construções n'este genero, para o que tem excellentes madeiras e por preços muito commodos.

ALMANACH

DO
IPAE ARROBAS
Para 1883

Contem: Kalendario—Tabellas—Juizo do anno—Casamento do sr. Fontes—A salamancada—A morte da hydra—Arrobas é bruto!—Requerimento dos estudantes de medicina—Doidices—Regulamento para a policia—Antipathias—A campanha dos archotes—A mana do magistrado—Arrobas fazia versos—Tres espiões—Diz-se... etc., etc., etc.

Está á venda no Porto, Kiosque da Praça de D. Pedro. Pedidos a J. B., Rua da Mouraria 87, Lisboa.
Preço 50 réis

AGENCIA DE ENCOMMENDAS

PORTUGAL E BRAZIL

Proprietario—Francisco Nunes Collares

COMMISSÕES DIMINUTAS
18, Rua da Atalaya, 18

LISBOA

GRANDE SUCESSO

A FAVORITA DE BOU-AMENA

O MAIS DRAMÁTICO DOS ROMANCES CONTEMPORANEOS

LOUIZ D'ARENE

Versão de Augusto José Vieira
Folhas de 8 pag. 10 rs.—

Estampas a 10 rs.

O enredo d'este magnifico romance, todo palpitante de interesse, desenvolve-se nos nossos dias; os personagens, pela maior parte ainda existentes, reconhecem-se perfeitamente.

A Favorita de Bou-Amena, deve pois obter um exito sem precedentes na historia do folhetim contemporaneo.

O auctor teve o feliz arrojado de descobrir, primeiro do que ninguem, as velhacarias e traições de um homem, que occupando outr'ora uma das mais altas posições, está actualmente marcado para sempre pelo ferrete infamante da vergonha.

Um dos principaes assumptos d'esta publicação, é as conspirações Bonapartistas contra a Republica Franceza, as tramas com a Allemanha, com a Italia, com o Bey de Tunis, com Bou-Amena etc., etc.

No 2.º capitulo d'esta interessante obra, apresenta o seu auctor marechal Bazaine entregue, aos seus projectos de traição á patria.

Luiz d'Arène soube, ao mesmo tempo, crear heroes sympathicos cuja existencia arrojada e aventureira preparava as peripecias mais commoventes.

Os leitores encontrarão n'esta obra os effeitos dos ardis de duas mulheres guiadas por paixões contrarias, o amor e o odio: uma perseguindo sem descanso a realisação do seu ideal, e a outra a destruição e a ruina da sua patria.

MACHINAS LIGITIMAS

SINGER

Chegou ao deposito da Companhia Fabril Singer na rua de José Estevão d'esta cidade um novo e variado sortimento de suas machinas de costura, com novos melhoramentos e por preços convidativos.

Tem apparecido por ahí algumas machinas a imitarem as verdadeiras do Singer. É preciso reparar bem na sua marca e ver se são legitimas.

N'esta cidade só se vendem na Companhia Fabril Singer na rua de José Estevão 75 a 79 e em Ovar na Praça.

DOMINGOS LUIZ VALLENTE D'ALMEIDA

COM

OFFICINA DE SERRALHARIA

EM



FORNECE lojas de ferragens, dobradiças, feichos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro, fugões, chumbo em barra, prego d'arame, bico de cobre, de ferro, balmazes de latão, carda ingleza, panellas de ferro, balanças decimaes, páus ferrados proprios para banhos e tudo pertencente ao seu ramo. Preços sem competencia.

SINGER!

SINGER!

Machinas para coser, a prestações de 500 réis semanaes



Machinas para coser com 10 por cento menos, a prompto pagamento

QUALQUER QUE SEJA A MACHINA NÃO SE PAGA ENTRADA

As melhores machinas para costura que todo o mñado conhece e que nunca tiveram rival

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

AS LEGITIMAS MACHINAS DE COSER SINGER

SÓ SE VENDEM NA

COMPANHIA FABRIL

SINGER

75—Rua de José estevão—79

(Em frente do edificio da Caixa Economica)

AVEIRO

FILIAL

52—LARGO DA PRAÇA—53

OVAR

PEÇAM CATALOGOS ILLUSTRADOS COM LISTAS DE PREÇOS

QUE SE DARÃO GRATIS

Vende-se algodões, torçoes, agulhas, oleo e peças soltas preço, baratissim

NOVO ESTABELECEMENTO

DE

Crystaes, mobilia e mercearia

DE

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

—RUA DIREITA—

AVEIRO

N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de vidraça branca e de cor, molduras douradas e pretas, galetrias, paters, stores, transparentes, copos, calix, garrafas, jarras, espelhos, candieiros e seus pertences.

O annunciante tem tambem á venda muitos artigos pertencentes ao ramo de mercearia, o que tudo vende por preços muito modicos.

EDITAL

A junta dos repartidores da contribuição industrial, para o serviço do anno civil de 1882, n'este concelho, faz saber que se acha feita a repartição das taxas correspondentes dos individuos que não compareceram a formar gremio, segundo o aviso feito em conformidade do art.º 409 do respectivo regulamento, e por isso, e na forma do § 1.º do art.º 168, convida a todos os collectados constantes das respectivas listas, para que no prazo de cinco dias a contar de 1 de Setembro, proximo futuro, venham examinar as suas collectas e poderem requerer o que entenderem sobre a mesma.

E, parra constar, se passou o presente e outros d'egual theór para serem affixados nos logares mais publicos, e do costume, n'este concelho.

Aveiro 29 de agosto de 1882.

O PRISIDENTE DA JUNTA

Arthur Ravara.

A MARSELHEZA

Em francez e portuguez

Um folheto de 8 paginas, com uma gravura, preço 20 réis. Vende-se no Porto, kiosque da Praça de D. Pedro,— em Coimbra, na loja do sr. João Correia d'Almeida,—Pedidos da provincia, a J. B. Rua da Mouraria, 87, Lisboa.— Precisam-se agentes na provincia.

CONSELHEIRO DO POVO

Manual Pratico dos cidadãos portuguezes para cada um se dirigir e requerer por si, sem dependencia de procuradores, nos tribunales e repartições publicas, segundo as leis do Reino.

Sahiu á luz o 3.º fasciculo d'esta interessante publicação.

Acha-se á venda no kiosque do Rocio (lado norte).

Custa apenas 120 rs.

BANDEIRAS

LUGAM-SE bandeiras novas, quem nas pretender alugar falle com Rodrigo Miero, rua de José Estevão n.º—64 a 67.

TYPOGRAPHIA



“POVO DE AVEIRO”

N'esta typographia, recentemente montada, executam-se artisticamente todos os trabalhos concernentes á arte typographica, para o que tem uma escolhida e variada colleção de phantasias e vinhetas modernas. Incumbe-se de todos os trabalhos, taes como: circulares, facturas, bilhetes de visita e de pharmacia, participações de casamento, chancellas, mem-muranduns, prospectos, procurações, mappas, programmas, editaes, guias, recibos, guias de remessa para o correio, etc., etc.

Tambem se imprime a côres, ouro, prata, bronze, etc.

Garante-se a brevidade, nitidez e sobretudo modicidade nos preços.

SINGER!

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

nas machinas da Companhia Fabril



—Rua de José Estevão, 26 e 28—

Acaba de abrir-se n'esta cidade um novo estabelecimento de machinas ligitimas SINGER para familias, alfaiates, costureiras e sapateiros. Todas estas machinas se vendem tanto a prompto pagamento como a praso.

Grande abatimento

Em todas as machinas vendidas a praso dispensa-se a prestação de entrada, sendo o seu pagamento fei-

500 réis semanaes

Todos os pedidos devem ser feitos a JOÃO DA SILVA SANTOS, na rua de José Estevão, 26 e 28.

João da Silva Santos

AVEIRO